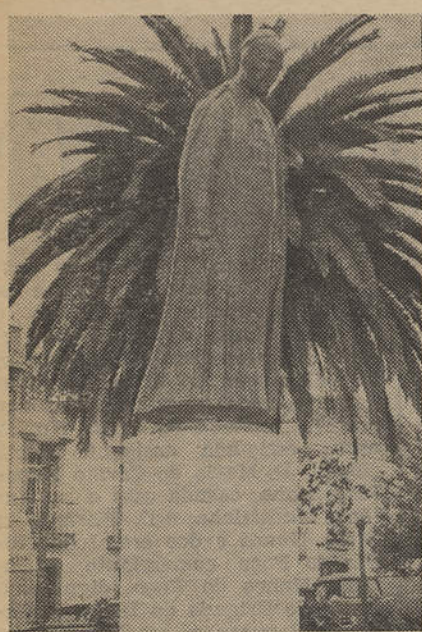


CORREIO DO SUL

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Director e editor: MARIO LYSTER FRANCO



O Monumento a D. Marcelino Franco inaugurado em Tavira

Resultaram brilhantes AS COMEMORAÇÕES DO 1.º CENTENÁRIO de D. Marcelino Franco

ESPÍRITO religioso, entusiasmo, sinceridade e calor humano; a perfeita compreensão dos méritos que assistiam ao homenageado e que eram de elemental justiça todos os propósitos; saudade, gratidão e amor, foram estes os sentimentos que prevaleceram na magnífica jornada vivida no passado sábado.

Comemorava-se o 1.º Centenário do nascimento de um ilustre algarvio que fôra Príncipe da Igreja e que rigorosamente algarvio se mantivera sempre e Tavira, sua terra natal e fulcro de todas as cerimónias, vestiu, como se esperava e lhe competia, as suas melhores galas.

Merecia-o, em absoluto, essa figura de invulgar relevo, esse glorioso D. Marcelino António Maria Franco que ali nascera há cem anos certos e, se todas as cerimónias comemorativas tiveram na Missa concelebrada o seu momento de mais alta união espiritual e na inauguração da estátua a sua projecção mais espectacular, como houve quem afirmasse a alturas

tantas, justo se torna reconhecer que tudo decorreu com a dignidade e a elevação que o grande acontecimento impunha.

De tudo, pede o «Correio do Sul» licença para sentir-se orgulhoso. Foi indubitavelmente o seu «fundo» de 5 de Dezembro de 1968, até pela indicação da forma prática de se chegar ao final, a motivação mais concreta do que se levou a efeito, sem que nesta afirmação haja a mais ligeira sombra de demérito para esforços jervorosamente desenvolvidos, para propósitos que «in petto» religiosamente se mantinham e para inoubatíssimas e indispensáveis propostas camarárias advindas posteriormente.

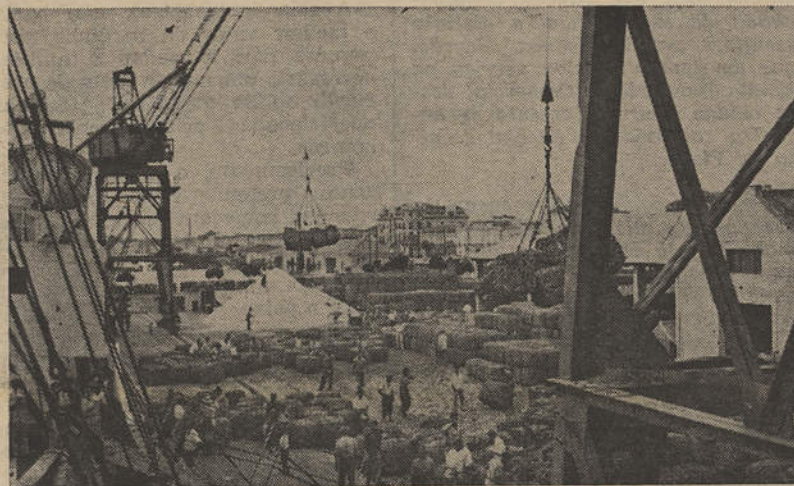
A ambas as cerimónias que constituíram os principais núcleos das comemorações do dia próprio, deram a honra da sua presidência S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D.

Júlio Tavares Rebimbas, actual Prelado da Diocese, e o sr. Dr. Manuel Sanches Inglês Esquivel, ilustre Governador Civil do Distrito.

Uma excelente conferência do Padre Manuel Bárbara

Na véspera, realizara-se, na sala nobre da Câmara Municipal, a anunciada conferência do Rev.º sr. Padre Manuel Bárbara, digníssimo Pároco de Estoi e nosso ilustre colaborador, sobre a vida e a obra do saudoso homenageado. Falando perante uma assistência particularmente selecta, que enchia o vasto salão e em que se viam pessoas de todos os pontos da Província e até figuras marcantes da vida nacional, o distinto

6.ª PAGINA



Um aspecto movimentado que temos fé ainda voltará ao porto de Vila Real de Santo António

Vão realizar-se FINALMENTE as obras de valorização DA BARRA DO GUADIANA

TUDO indica que está em vias de franca solução, o grave problema com que há anos se debatia a Barra do Guadiana

e, portanto, todo acesso do que foi durante largos anos um dos mais importantes e concorridos portos do Algarve.

Segundo notícias vindas a público na grande imprensa, o Ministério das Obras Públicas, por intermédio da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, abriu concurso para a arrematação da empreitada da 1.ª fase das obras do melhoramento da Barra do Guadiana, empreendimento este que, por si só, é da ordem dos 30.000

2.ª PAGINA

Um Concerto gratuito para jovens

Aproveitando a estadia em Faro da Orquestra de Câmara Gulbenkian que, conforme noticiamos no nosso último número, dá um Concerto no Cinema de Santo António desta cidade, no próximo dia 29, pelas 21,30 horas, a Delegacia da Mocidade Portuguesa Feminina promove a realização de um outro Concerto, exclusivamente destinado a jovens estudantes de ambos os sexos, a realizar no dia anterior, 28, no mesmo local, pelas 17,30 horas.

Desnecessário nos parece enunciar o intuito, altamente educativo, desta simpática iniciativa.

Os bilhetes para este outro Concerto da tarde de 28, absolutamente gratuitos para jovens, poderão ser pelos mesmos adquiridos no Centro de Actividades Circum-Escolares Feminino (Centro da M. P. F.) do estabelecimento de ensino que frequentem.

AS RECENTES VISITAS MINISTERIAIS e vários problemas ALGARVIOS APRECIADOS na Assembleia Nacional



APRECIANDO os acontecimentos que, quer no âmbito estritamente regional, quer no domínio nacional, durante o recente interregno dos trabalhos parlamentares, maior relevância apresentaram, o sr. Dr. Jorge Augusto

pelo Deputado Dr. Jorge Correia

Correia, ilustre Deputado do Algarve, teve há dias mais uma valiosa intervenção na Assembleia Nacional. Pelo interesse regional que oferecem, não queremos deixar de arquivar nas nossas colunas algumas passagens dessa intervenção.

A estadia no Algarve do Subsecretário de Estado de Planeamento Económico

«A vinda ao Algarve do Sr. Dr. João Salgueiro, Ilustre Subsecretário de Estado de Planeamento Económico, para ouvir opiniões e sugere-

tões emitidas pelos representantes qualificados das mais diversificadas actividades, deverá ter os mais auspiciosos reflexos no progresso e desenvolvimento futuro da província.

Inventariadas as nossas potencialidades e carências, justo é que estes factores se integrem nas coordenadas do próximo Plano de Fomento.

Para além do contínuo e progressivo desenvolvimento turístico, tudo quanto os algarvios pretendem, desde a criação dum parque industrial

2.ª PAGINA

A indústria das conservas de peixe no ALGARVE

Pelo Dr. António de Sousa Pontes

EM virtude de funções oficiais do Ministério da Economia, de que estávamos investidos, efectuámos em 3 de Novembro do ano findo, uma visita guiada a duas fábricas de conservas de peixe de Portimão e a uma outra, de farinha e óleo de peixe,

sita na Mexilhoeira da Carregação.

Nas fábricas de conservas de peixe trabalhava-se atum e similares pescados em Cabo Verde e vindos, congelados, para Lisboa, donde seguiram para diferentes fábricas do País.

O principal fim destas visitas foi observar o maior ou menor grau de mecanização das diferentes operações de preparação de peixe, desde o seu descabecamento e estripagem até à cozedura e enlatamento.

No capítulo de cozedura continua, existe uma instalação, inventada pelo serralheiro-mecânico sr. Jorge da Costa Perrolas, de Portimão, a quem já anteriormente nos referimos, a propósito das máquinas da sua invenção para a indústria da preparação do fígado, com que conseguiu diminuir extraordinariamente o custo de preparação deste saboroso fruto algarvio, máquinas estas que já foram exportadas para alguns países do Mediterrâneo.

Uma palestra sobre perturbações NA FALA

POR iniciativa da Associação Algarvia de Pais e Amigos de Crianças Diminuídas Mentais, realiza-se hoje, 22, pelas 21,30 horas, no Ginásio da mesma Associação, na Rua do Compromisso, n.º 46, em Faro, uma palestra sobre os problemas da fala, pela distinta ortofonista, antiga Chefe do Serviço da Terapêutica da Fala do Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão, sr.ª D. Maria Manuela B. Machado, que, para esse efeito, expressamente se desloca de Lisboa.

Dada a elevada importância do assunto em causa, a Associação tem a honra de convidar a assistir à sessão, todas as pessoas interessadas pelos mesmos problemas, sejam ou não associadas.

2.ª PAGINA

Sonhar e realizar

Por Joaquim A. Nunes



NORMALMENTE o sonhador não é recebido na roda dos magníficos sem uma pontinha de reserva à sua maneira de ser, ao seu inconformismo. As ralzes dos costumes mergulham fundo no tempo e alimentam-se da seiva da tradição, as suas ramificações, porém, como meio de garantir a estabilidade, quer queiram quer não, vão perdendo com bastante celeridade a sua consistência, oferecendo, portanto, menor segurança, por virtude da agitação forte dos ventos implacáveis da verdadeira ou falsa evolução empenhada em fazer ruir a vetusta árvore da civilização mais ou menos consagrada, mas nem por isso, evidentemente, invulnerável a mutabilidade, como se sabe.

A fertilidade imaginativa é, sem

contestação, uma qualidade a todos os títulos excelente, tanto que seja orientada no sentido de dignificar e valorizar a espécie humana através dos métodos próprios. Assim é quando de algum modo a imaginação contribui para minorar o sofrimento do homem, tomar menos pesada a sua luta pela vida e, naturalmente, concorre para o progresso moral, material e social do indivíduo, de modo genérico.

Mas a imaginação e o sonho têm ambos acesso livre ao paraíso e ao inferno, o que é preciso é saber escolher o caminho. Se o da virtude se o da perversão, eis a dificuldade quando se despressa a ciência adquirida com a experiência. Não faltam teorias, e disso está o Mundo cheio, desde as mais absurdas, o que falta é convicção, é força de vontade para realizar aquilo que se sonha ou pre-

2.ª PAGINA

DOIS ARTIGOS ESQUECIDOS

A propósito das homenagens agora muito merecidamente prestadas à memória do saudoso Bispo do Algarve, D. Marcelino António Maria Franco, e do que sobre este assunto se tem escrito, parece-nos interessante arquivar nestas colunas dois artigos, também de homenagem ao insigne Prelado algarvio, há mais de 20 anos publicados pelo nosso Director em dois jornais algarvios:

ECCE SACERDOS MAGNUS

Em «A Avesinha», de 17 de Março de 1943

PREPARA-SE a Diocese algarvia para comemorar condignamente o jubileu sacerdotal do Venerando Prelado que ora rege os seus destinos.

Ilustre filho do Algarve, aqui nado, aqui criado, aqui gloriosamente envelehido, a circunstância de ter sido há anos escolhido pela Santa Sé pa-

AD MAJOREM DEI GLORIAM

Em «Folha do Domingo», de 15 de Julho de 1945

A Província do Algarve, e propostadamente não escrevo a Diocese Algarvia, veste neste momento de novo as suas melhores galas para festejar o seu Prelado.

Sumiram-se, no decorrer inexorável do tempo, os ecos das faustosas solenidades com que a nossa

Uma nota esclarecedora

DO nosso estimado colaborador e prezado amigo, sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro, ilustre Presidente da Direcção da Casa do Algarve, em Lisboa, recebemos, com o pedido de publicação, a seguinte nota:

ACERCA das considerações que o Senhor Carlos Albino fez no Correio do Sul de 1 do corrente, sob o título Quanta Solidariedade?, cumpre-me esclarecer que o velho, de nome Maurício Monteiro, a que alude a sua prosa, é a mesma pessoa que pensa — e já afirmou em público — devermos nós os velhos dar lugar aos novos, visto que o Mundo que se está a construir é para eles.

Neste sentido, e na qualidade de presidente da Direcção da Casa do Algarve, convidou a juventude estudantil algarvia — não paternalmente, mas por uma forma igual sincera e leal a colaborar com esta Casa Regional, isentando-a da jôia e proporcionando-lhe uma

6.ª PAGINA

6.ª PAGINA

CORREIO DO SUL

Redacção e Administração
P. de Ferreira d'Almeida, 14
Telef. 25300 FARO

Proprietário
ALVARO DE LEMOS
(Herdeiros)

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA «UNIAO»
Telef. 22219 — FARO

BILHETES DE VISITA

Fazem anos:

Hoje, 22, as sr.^{as} D. Maria Amélia Dourado Eusébio e D. Maria Isabel Gonçalves Machado e os srs. Arthur May Vianna e Sotero Mendes Pinto.

Em 23, a sr.^a D. Maria Teresa Neto de Almeida Carrapato, a menina Maria Genoveva Garcia e os srs. Dr. José Júlio Martins e José Paulo Machado de Passos.

Em 24, a sr.^a D. Teresa Maria Ortigão de Mello Sampaio de Abrantes, a menina Maria Helena Rocheta Guerreiro Rua e os srs. Dr. Cláudio Pinhol e Jorge Silvano Parra Estevinha.

Em 25, as sr.^{as} Dr.^{as} D. Maria Libânia Vinhas Pinto Lopes, D. Maria Amélia Formosinho Sanchez e D. Júlia de Oliveira Negro de Mendonça.

Em 26, a sr.^a D. Maria Helena de Brito Pereira Martins, a menina Gabriela da Fonseca Passos de Miranda e o menino Fernando Gabriel Fernandes Calado.

Em 27, as sr.^{as} Escultora D. Ursula de Leiro Montez, D. Maria Alexandra Arouca Assis Marques dos Santos, D. Maria Armanda Dourado Eusébio de Mendonça, D. Arlete Gago Bernardo e D. Maria Alice Aguiar de Lima Fátima e o sr. Dr. José Viegas Barreiros.

★

A fim de assistir à cerimónia da inauguração do Monumento a D. Marcelino Franco, veio ao Algarve

A Barra do GUADIANA

(Continuação da 1.ª página)

contos e cujo financiamento será suportado, em partes iguais, pelos governos de Portugal e da Espanha, conforme o acordado pelos dois países no convénio de Julho de 1969.

O objectivo destas obras é a criação de um novo canal de acesso ao estuário, canal definido por diques-guia que terão também por objecto a retenção de aluviões.

Os referidos diques-guia, um, submerso, do lado de Espanha, na margem esquerda do estuário, e outro, do lado de Portugal, seguindo o alinhamento do troço terminal da margem direita e um esporão de aluviões, constituem os dispositivos fundamentais agora previstos. Um dos diques terá 920 metros de extensão e o outro terá 2110 metros. Por sua vez o comprimento do esporão será de 407 metros.

As obras foram projectadas com a preocupação de não prejudicarem a sua futura integração em esquemas de maior vulto para a melhoria do acesso aos portos do estuário do Guadiana, que se justificam futuramente.

O prazo de execução previsto para as obras é de dois anos e meio.

Congratulamo-nos com a notícia e, fazendo votos para que a coisa finalmente vá, felicitamos sinceramente os povos beneficiados e, sobretudo, Vila Real de Santo António, agora com mais fundamentadas esperanças de um ressurgimento, sob o aspecto portuário, que em absoluto se impõe.

Era um problema que sangrava, já o escrevemos nestas colunas.

quota mínima. Lamento não ter tido este meu apelo a devida correspondência.

Foi esta mesma pessoa que convidou o Senhor Carlos Albino — também sincera e lealmente — a parte da Comissão organizadora de um projectado Colóquio.

Devo ainda esclarecer que ao ser convidado para a presidência da Casa do Algarve, só depois de muito insistido, aceitei tão honroso encargo, alegando para tal, além da minha avançada idade, os meus propósitos de fixar residência no Algarve.

Casa do Algarve, 19 de Abril de 1971

O Presidente da Casa do Algarve

Maurício Serafim Monteiro

ve, tendo estado nesta cidade e em Tavira, o sr. Arquitecto Gonçalo Davim Lyster Franco, da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

★

Também pelo mesmo motivo, deslocou-se ao Algarve e passou alguns dias em Tavira, acompanhado de suas irmãs, a distinta escultora sr.^a D. Branca Alarcão, que em tempo prestou serviço na Escola Industrial e Comercial desta cidade e presentemente se encontra colocada na Escola Técnica de Viseu.

★

Em franca convalescência da doença que ultimamente o acometeu, facto com que muito folgamos, seguiu para Lisboa, acompanhado de sua esposa, devendo passar uma temporada na capital, o sr. Luís Gonçalves Camarada, digníssimo Administrador do Banco do Algarve e nosso estimado assinante nesta cidade.

★

Por virtude do falecimento de uma sua tia, a sr.^a D. Maria Eugénia de Mendonça David, que residia em Lisboa, encontra-se de luto o nosso estimado assinante e prezado amigo, sr. Dr. Eduardo de Mendonça Barata Correia, distinto clínico em Portimão. As nossas condolências.

★

A fim de assistir ao lançamento de um novo modelo da «Fiat», conhecida marca de automóveis de que é Agente Distrital no Algarve, deslocou-se à Itália, tendo estado em Milão e Turim, o conceituado comerciante, nosso estimado assinante, sr. Alberto Filipe Bota. Acompanhou-o na viagem o seu chefe de vendas sr. Carlos Rodrigues.

Sonhar e realizar

(Continuação da 1.ª página)

tende criar e pertence ao domínio do belo, do justo, do mais conveniente. Só idealismo não basta, daí a razão por que se diz a cada passo e com tanta propriedade: sonhar é fácil, querendo dizer também, mas realizar é difícil.

★

A história que estamos vivendo é, sem dúvida, a mais rica de todos os tempos pela abundância de meios próprios ao bem estar da humanidade (embora muito mal distribuídos), de técnica, de ciência, de ideias, de sonho, de imaginação ainda as mais fantásticas, e um sem número de teorias optimistas.

Entre nós, depois de um breve relancear de olhos pelo panorama actual, não é difícil concluir-se de que falta apenas realizar, visto sabermos como e possuímos condições para o fazer. Por outro lado, tenhamos a consciência disso, estamos em presença duma imperiosa necessidade de realizar mesmo. Simplesmente, carecemos da nossa própria confiança, poder de decisão e capacidade executiva, jeito para trabalhar por iniciativa própria, boa vontade de colaborar na grande obra nacional de revigoramento capaz de garantir a defesa do solo pátrio ameaçado na sua integridade e caminhar a passos largos na senda do progresso.

O País não pode esperar mais, precisa de produção em quantidade e qualidade em condições de expandir e garantir o trabalho nacional, produzindo obra — obra riqueza — e não palavras muitas palavras — para mostrar ciência e erudição — necessárias sim, mas só não chegam.

Fala-se muito de mentalização, o mesmo será dizer adaptação apropriada às condições necessárias e convenientes ao ambiente, mas não se pensa na terapêutica adequada para combater a doença contagiosa caracterizada pelo desinteresse pela produção, instalada nos locais de trabalho, e que se manifesta pelo jogo dos «possíveis»: pegar o mais tarde possível, fazer o menos possível, ganhar o máximo possível e largar o mais cedo possível.

Resta acrescentar que, assim não há qualquer melhoria possível.

Joaquim António Nunes

A indústria das conservas de peixe no ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

Hoje, dentro do plano da concorrência internacional, não basta o melhor valor da sardinha portuguesa, para a vender. É também necessário um menor custo de produção obtido através de técnicas aperfeiçoadas pelo engenho dos homens.

Precisamente, o supracitado inventor pretende construir máquinas que comecem por escolher as sardinhas por tamanhos, depois descabeçam-nas e estripam-nas com um mínimo de traumatismo para o peixe, ao contrário das máquinas conhecidas destes géneros.

Estas máquinas funcionarão em linha com o cozedor continuo, já em uso na fábrica Feu, de Portimão, e depois com a mesa continua de enlatamento, o que, como é de calcular vem embarratar muito o custo de produção das nossas conservas de sardinha.

O consequente desemprego das operárias, que, antigamente, constituía problema social deixou já de o ser, em virtude, por um lado, do surto de turismo que está a absorver todo o pessoal feminino disponível e com melhor remuneração do que os 4\$30/hora que a indústria conserveira está pagando actualmente a estas operárias. Por outro lado, perante a carestia de mão-de-obra masculina nos trabalhos do campo, há que suprir a com a feminina, sucedendo até que no distrito de Coimbra, os Cursos de Extensão Familiar Agrícola estão a facultar cursos de tractoristas às mulheres, para este efeito.

Justificada, pois, a mecanização da indústria das conservas, urge que os vários organismos portugueses das Pescas e Conservas desde a Corporação, passando pelo Instituto Português de Conservas de Peixe, os diferentes Grêmios dos Industriais de Conservas regionais e a Junta Nacional do Fomento das Pescas, se debruçam sobre o invento daquele algarvio, já com categoria de técnico internacional, e o ajudem a construir o maquinismo de grande projecção sobre uma das actividades económicas mais importantes do País.

É tão importante, que, segundo a Estatística Industrial de 1968, do Instituto Nacional de Estatística, existiam, neste ano, no Continente e Ilhas Adjacentes, um total de 208 unidades industriais conserveiras, que produziram 736 mil contos de conservas em azeite ou molhos e pelo sal que pagaram 206 mil contos em salários. Nesta totalidade, o Algarve possuía 103 unidades industriais, que produziram 280 mil contos de conservas e pagaram 81 mil contos de salários.

De resto, o referido Instituto Português de Conservas de Peixe já construiu em quase todos os grandes centros conserveiros do País, oficinas para produção da farinha e óleo de peixe, uma das quais, sita na Mexilhoeira da Carregação, os técnicos acima citados também visitaram.

Apreciaram a instalação mecânica da descarga do peixe por potentes sugadores dos barcos transportadores do peixe de inferior qualidade, como do pequeníssimo e recente trombeteiro, cognominado por «apara-lápis» pelos pescadores e que dizem ter o inconveniente de fazer afugentar a sardinha, o que consegue com uma espécie de tromba que fura a barreira dos peixes maiores do que ele.

Depois da descarga do peixe e da água num tanque apropriado

para escoamento do líquido, o peixe segue por meio de um sem-fim para máquinas que moem o peixe e por pressão obtém o óleo, assim com as espinhas, tripas e cabeças de peixe das fábricas de conservas existentes no Barlavento, associadas desta fábrica de farinhas e óleos de peixe.

Maquinismos apropriados absorvem os odores que tão desagradável tornavam esta indústria quando e'a se dedicava ao fabrico do guano de peixe e como ainda se verifica actualmente nalgumas das unidades, quando deficientemente montadas, como as que existem junto de Ferragudo e em Olhão.

E como esses odores são constituídos por gases combustíveis, são eles transformados em calor, o qual é empregado na secagem da farinha de peixe, cujo valor actual é de cerca de 5\$300/kg. O óleo de peixe vale cerca de 2\$500/kg.

O primeiro constitui um excelente alimento proteico para animais e nalguns países estrangeiros até se emprega a alimentação humana.

Se a Federação dos Grêmios da Lavoura do Algarve tivesse os seus serviços montados no género das Federações de Grêmios de algumas regiões do País, onde a Cooperação Agrícola existe realmente, e possuísse uma fábrica de rações, tinha nestas farinhas de peixe, como no bagaço do figo de caldeira da sua própria destilaria e no triturado da alfarroba, elementos valiosos para fabricação de farinhas alimentares compostas, que são a base duma Pecuária progressiva de qualquer região.

Os óleos de peixe, depois de hidrogenados, são susceptíveis de entrarem na alimentação humana, pois adquirem, através desta operação um sabor e cheiro inteiramente diferentes do original, ou então transformados em gorduras para a indústria de saboaria.

Numa das paredes desta moderna unidade industrial, está afixada uma placa onde se lê que ela foi construída pelo Instituto Português de Conservas de Peixe, sendo ministro da Economia, o Dr. Rafael Duarte e das Finanças, o Dr. João Pinto da Costa Leite.

Ao terminarmos, fazemos votos para que o mesmo espírito de elite que presidiu à construção desta moderna unidade fabril, apoie o espírito inventivo do cidadão serralleiro-mecânico Jorge da Costa Petrolas, no sentido de dotar a indústria de conservas portuguesa com os meios mecânicos que permitam a diminuição do custo de produção das conservas, uma maior produtividade por unidade de tempo e uma estabilidade económica para a respectiva indústria.

P. S. — Já depois de escrito o que antecede, tivemos conhecimento, pelo próprio serralleiro, sr. Jorge Petrolas, que o Instituto Português de Conservas de Peixe enviara observadores para estudar os seus inventos, no sentido de obter a mecanização, tanto quanto possível integral, da indústria de conservas de peixe. E, finalmente, já no corrente mês de Abril, fomos informados pelo próprio Instituto que este organismo de coordenação económica vai subsidiar a construção das máquinas para o fim em vista.

Lisboa, 9/4/1971

António de Sousa Pontes

NECROLOGIA

D. THEREZA BARBARA AGOAS VAZ DE MASCA-RENHAS

Em Monchique, em casa de seus pais, a sr.^a D. Thereza Bárbara Agoas Figueiredo Vaz de Mascarenhas e o abastado proprietário, nosso estimado assinante e velho amigo, sr. Capitão Henrique Vaz de Mascarenhas, faleceu, no passado dia 14, confortada com todos os Sacramentos da Igreja, a sr.^a D. Thereza Bárbara Agoas Vaz de Mascarenhas, solteira, de 61 anos, natural e desde sempre residente na mesma vila. Senhora de grande bondade, preclaras virtudes e da mais perfeita formação cristã, suportou com modelar resignação todos os sofrimentos e deixou a mais profunda saudade em todos os seus familiares e em quantos com ela conviveram.

A saudosa extinta era irmã da sr.^a D. Maria Eliza Agoas Vaz de Mascarenhas e do sr. António Agoas Vaz de Mascarenhas, nosso prezado amigo e estimado assinante em Lisboa; cunhada da sr.^a D. Maria de Lourdes Pinto Simões Vaz de Mascarenhas e tia das sr.^{as} D. Maria do Carmo Simões Vaz de Mascarenhas da Fonseca e Almeida casada com o sr. Eduardo Abranches da Fonseca e Almeida, oficial do Exército, e D. Maria da Conceição Simões Vaz de Mascarenhas e dos srs. António Simões Vaz de Mascarenhas, também oficial do Exército, e Henrique José Simões Vaz de Mascarenhas.

A morte da sr.^a D. Thereza Agoas Vaz de Mascarenhas causou verdadeira consternação e o seu funeral, em que se incorporaram mais de mil pessoas de todas as categorias sociais, foi precedido por várias Missas de corpo presente concelebradas, a primeira na capela da própria residência da falecida, sob a presidência do sr. Bispo do Algarve, e a segunda na Igreja Matriz, com a presença de numerosos sacerdotes.

A toda a família enlutada apresenta o «Correio do Sul» a expressão do seu desgosto.

D. LAURA NOGUEIRA GUERRA ROQUE DE OLIVEIRA

Com 75 anos, faleceu há dias em Lisboa, onde há muito residia, a sr.^a D. Laura Nogueira Guerra Roque de Oliveira, natural de Olhão e irmã do distinto médico pediatra, nosso ilustre colaborador e prezado amigo, sr. Dr. Mário Guerra Roque. Há anos viúva, a saudosa extinta era mãe da sr.^a D. Maria Deolinda Nogueira Guerra Roque de Oliveira das Neves; sogra da sr.^a D. Elmana Fino Gouveia e do sr. Francisco Manuel Lima das Neves, avó da menina Ana Cristina de Oliveira Lima das Neves e dos srs. Francisco José Fino de Oliveira e Francisco Alberto de Oliveira Lima das Neves e também irmã da sr.^a D. Maria Luísa Guerra Roque.

A toda a família enlutada e em especial ao sr. Dr. Mário Guerra Roque apresentamos a expressão das nossas condolências.

D. ALICE DE OLIVEIRA NOBRE TELO MEXIA

Por virtude de doença que lhe sobreviou quando se encontrava em Mouriscas, a passar a quadra da Páscoa, com seu filho, nora e neto faleceu em Abrantes, no passado dia 12, a sr.^a D. Alice de Oliveira Nobre Telo Mexia, nossa estimada assinante em São Bartolomeu de Messines.

Há anos viúva, a saudosa extinta era geralmente estimada pelo seu fino trato e modelares virtudes.

A toda a família enlutada apresentamos sentidos pêsames.

JOÃO NUNES DO POÇO

Com 81 anos, faleceu, no passado dia 3, nesta cidade, terra da sua naturalidade e residência, o sr. João Nunes do Poço, proprietário e pessoa geralmente estimada pelas suas excelentes qualidades. Há anos viúvo, era pai das sr.^{as} D. Lucinda de Jesus Nunes, nossa estimada assinante nesta cidade; D. Maria do Carmo Nunes Madeirinha, casada com o sr. António Madeirinha, e D. Florinda de Jesus Nunes e dos srs. João Nunes do Poço, comerciante, e António Nunes do Poço, digníssimo Chefe de Brigada da Direcção Geral de Segurança em Nampula, e nosso estimado assinante e velho amigo, casado com a sr.^a D. Júlia dos Santos Nunes do Poço; avó da sr.^a D. Maria da Conceição Santos Nunes, estudante liceal, e dos srs. Cláudio Nunes Ferreira, 1.º Sargento Piloto-Aviador, casado com a sr.^a D. Natividade Correia Ferreira, e José dos Santos Nunes, também estudante liceal, e bisavó dos meninos Cláudia e José Duarte Nunes Ferreira.

A morte do sr. João Nunes do Poço foi geralmente sentida e o seu funeral registou larga concorrência.

A toda a família enlutada, e em especial aos nossos assinantes sr.^{as} D. Lucinda de Jesus Nunes e sr. António Nunes do Poço, enviamos sentidas condolências.

JOSE GUERREIRO DA SILVA NETO

Na Fuzeta, onde residia, faleceu há dias o nosso estimado assinante sr. José Guerreiro da Silva Neto, natural de Santa Catarina da Fonte do Bispo. Deixa viúva a sr.^a D. Maria dos Reis Pereira Neto, e era pai da sr.^a D. Maria da Natividade Pereira Neto Gomes e do sr. Veríssimo Pereira da Silva Neto; sogro da sr.^a D. Maria da Conceição Vargas Neto e do sr. Liberto Gomes e avó da sr.^a D. Maria Alda Vargas da Silva Neto, estudante universitária, e do menino Paulo Miguel Neto Gomes. Contava 79 anos e sentindo o seu desaparecimento, apresentamos a toda a família enlutada a expressão do nosso pesar.

HERCULANO VARGAS MOGO

Com 48 anos, faleceu há dias em Albufeira o sr. Herculano Vargas Mogo, conceituado comerciante, natural de São Bartolomeu de Messines, mas residente naquela vila onde era geralmente estimado. Deixa viúva a sr.^a D. Ivone Júdice Samora Bitoque Vargas e era pai do sr. Carlos Alberto Samora Bitoque Vargas, estudante universitário, e irmão das sr.^{as} D. Aristoteina Vargas Mogo Cândido Guerreiro, D. Maria da Conceição Vargas Mogo Martins e D. Maria Adelaide Vargas Mogo Miguel de Sousa e dos srs. Tenente-Coronel Jorge Vargas Mogo, Francisco Vargas Mogo e Mário Vargas Mogo, nosso estimado assinante na mesma vila, a quem em especial apresentamos as nossas condolências. O seu funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar.

Também faleceram:

EM LISBOA: O sr. Luís Gonçalves Salas, antigo industrial, natural de Olhão que deixa viúva a sr.^a D. Laura Serra Salas e era pai da sr.^a D. Laura Serra Gonçalves Salas Folque e do sr. Dr. Luís Silvério Gonçalves Salas. A sua morte foi bastante sentida e o funeral realizou-se de Lisboa para jazigo de família no cemitério de Olhão.

PRÉDIO

Em FARO, no centro da cidade, grande área, frente para duas ruas, com projecto aprovado, para imediata construção. Trata-se pelo Telefone 23 584 de

F A R O

preende já a vantagem das resoluções comunitárias, são as mães que, revezando-se, fazem este trabalho, tão próprio da sua carinhosa prudência. Reunindo as crianças cuja habitação ofereça as condições indispensáveis de proximidade, levam-nas e trazem-nas numa base de reciprocidade de serviços.

Cidades há — Paris e outras — em que as próprias autoridades administrativas solicitam esta colaboração, retribuindo-a até em função do tempo gasto. Mas, por iniciativa própria e de comum acordo, ou por incumbência superior, as Mães transformadas em «condutoras escolares» não devem proteger-se menos do que os profissionais contra qualquer eventualidade de trânsito. O vulgar seguro de responsabilidade civil não chega para funções de tão delicada responsabilidade. É certo que não há melhor protecção que a dos cuidados maternos. Em todo o caso, o trânsito é o trânsito.

C. D. I. S.

CASA PRE-FABRICADA

Compra-se em 2.ª mão

COM A ÁREA DE + 40 M²

Resposta detalhada indicando local onde se pode ver, ao n.º 302 deste jornal.

EMPRESA COMERCIAL A. J. CABRITA, S. A. R. L.

ALBUFEIRA

EXERCÍCIO DE 1970

RELATÓRIO, BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Excelentíssimos Senhores Accionistas

Continuaram, no exercício findo em 31/12/70, as nossas actividades a serem reguladas pelos contratos anteriormente existentes, impeditivos de se poder verificar qualquer alteração nos nossos ramos de actuação.

A actividade fabril sofreu uma interrupção total, de Abril a Dezembro mas reiniciar-se-á, com carácter permanente e definitivo no exercício que se segue. Os nossos compromissos de fornecimento de extracto concentrado foram solvidos com a aquisição daquele produto a uma firma congénere, a preços de custo compensadores, como verificareis pelo mapa de Exploração Comercial.

No sector imobiliário mantiveram-se as condições decorrentes dos contratos de aluguer.

Salientamos, ainda, o aumento de disponibilidade financeira conseguido neste exercício.

O lucro apurado ascendeu a 564.448\$67 o qual depois de deduzidas as Amortizações, no valor de 456.827\$67, se cifrou no resultado líquido de 107.621\$00, para o qual propomos a seguinte aplicação:

— Para Participação do Conselho de Administração (art.º 14.º dos Estatutos)	5.381\$00
— Para dividendo de 120\$00 por acção (a 852 acções), cativo de impostos	102.240\$00
	<u>107.621\$00</u>

Propomos, também, que para reintegração da Reserva Legal por valor igual ao do Capital Social autorizeis a transferência de 800.000\$00, da Reserva Especial.

ALBUFEIRA, 25 de Fevereiro de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Maria das Mercês Sotto-Mayor Quaresma Cabrita — Presidente
António de Lourdes de Roure Ferreira Roquette
Sebastião José da Silva Freitas

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO				PASSIVO			
Imobilizado				Capital Próprio			
Imóveis	6.956.381\$80			CAPITAL SOCIAL		1.000.000\$00	
Amortizações	— 484.848\$00	6.471.533\$80		RESERVAS			
Equipamento Industrial	3.758.362\$20			Legal	200.000\$00		
Amortizações	— 1.204.229\$09	2.554.133\$11		Especial	4.310.433\$78		
Mobiliário e Utensílios	1.122.982\$20			de Reavaliação	11.086.661\$60	15.597.095\$38	16.597.095\$38
Amortizações	— 861.457\$05	261.525\$15		Exigível			
Imobilizações em Realização		292.600\$00	9.579.792\$06	Fornecedores		647.625\$85	
Depósitos e Cauções			2.904\$90	Credores Gerais		13.142\$91	
			9.582.696\$96	Encargos a Liquidar		16.108\$70	
Realizável e Disponível				Dividendos			
Clientes	525.315\$90			a pagar	293.387\$90		
Devedores Gerais	2.985.341\$95	3.510.657\$85		prescritos	4.543\$70	297.931\$60	
Devedores Duvidosos	278.066\$30			Bancos		5.392\$00	980.201\$06
Provisão para cobertura	— 278.066\$30	\$		Resultados			
Mercadorias, Materiais e Matérias-Primas	181.435\$31			Do Exercício			107.621\$00
Embalagens	63.382\$10						
	244.817\$41						
Provisão para depreciação	— 24.468\$51	220.348\$90					
Letras a Receber		200.000\$00					
Carteira e Títulos		2.824.897\$59					
		6.755.904\$34					
Caixa e Bancos		1.346.316\$14	8.102.220\$48				17.684.917\$44
			17.684.917\$44				
CONTAS DE ORDEM				CONTAS DE ORDEM			
			51.274\$00				51.274\$00
			17.736.191\$44				17.736.191\$44

O TÉCNICO DE CONTAS

António Hermínio Fernandes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Maria das Mercês Sotto-Mayor Quaresma Cabrita — Presidente
António de Lourdes de Roure Ferreira Roquette
Sebastião José da Silva Freitas

EXPLORAÇÃO GERAL

DÉBITO			CRÉDITO		
Existências Iniciais			Existências Finais		
Matérias-primas	152.244\$91		Matérias-primas	152.063\$38	
Materiais	34.462\$75		Materiais	29.239\$71	
Mercadorias	69.554\$60		Mercadorias	132\$22	
Embalagens	63.382\$10	319.644\$36	Embalagens	63.382\$10	244.817\$41
Compras			Vendas		
Matérias-primas	124.386\$95		Mercadorias		1.773.428\$00
Materiais	17.836\$00		Receitas		
Mercadorias	1.050.169\$50	1.192.392\$45	Rendimento de propriedades	441.440\$00	
DESPESAS COMERCIAIS		33.012\$40	Rendimento de títulos	116.795\$70	
ENCARGOS FISCAIS E PARAFISCAIS .		129.390\$40	Juros	286\$40	
Gastos de Gestão Geral			Comissões	567\$70	
Orgãos Sociais	132.000\$00		Diversos	664\$20	559.754\$00
Remuneração e Encargos c/ Pessoal .	378.294\$70				
Outros	99.123\$60	609.418\$30			
		2.283.857\$91			
Saldo		294.141\$50			
		2.577.999\$41			2.577.999\$41

CONTA DE RESULTADOS

DÉBITO		CRÉDITO	
AMORTIZAÇÕES	456.827\$67	EXPLORAÇÃO GERAL	294.141\$50
PERDAS EXCEPCIONAIS	975\$00	PROVISÕES — Anulação	7.495\$89
	457.802\$67	DIVERSOS EXCEPCIONAIS	263.786\$28
	107.621\$00		565.423\$67
Saldo	565.423\$67		

O TECNICO DE CONTAS

Antônio Hermínio Fernandes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Maria das Mercês Sotto-Mayor Quaresma Cabrita — Presidente

Antônio de Lourdes de Roure Ferreira Roquette

Sebastião José da Silva Freitas

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Excelentíssimos Senhores Accionistas

No cumprimento das disposições estatutárias e legais, temos a honra de apresentar a VV. Ex.^{as} o nosso parecer:

- a) — A contabilidade, o balanço, as contas de exploração, a conta de resultados do exercício e o Relatório da Administração, respeitam as disposições legais e estatutárias;
- b) — Procedemos, no decurso do exercício, às verificações consideradas necessárias para o cabal desempenho da nossa missão fiscalizadora e a Administração apresentou sempre as provas e os esclarecimentos exigidos;
- c) — Os critérios valorimétricos adoptados encontram-se perfeitamente harmónicos com as disposições legais e tradicionais.

Concluindo, temos a honra de propor a aprovação do Balanço e Contas e das propostas de distribuição de resultados e de transferência de 800.000\$00 da Reserva Especial para a Reserva Legal.

Albufeira, 26 de Fevereiro de 1971

O CONSELHO FISCAL

Mariano Alberto de Sousa — Presidente

Alvaro Cortes de Morais

Nuno Vieira da Fonseca

Breve memória de Dom Marcelino António Maria Franco

O Bispo Humilde
Místico
Sacrificado

Pelo Padre Manuel Bárbara

(CONCLUSÃO)

Em Maio de 1970 foram nomeadas pela Câmara Municipal de Tavira, da presidência do ilustre deputado da Nação, Dr. Jorge Augusto Correia, as Comissões de Honra, Executiva e de Propaganda, as quais começaram logo a desenvolver intensa actividade.

O Sr. Arquitecto Gonçalo Davim Lyster Franco, da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, encarregou-se de elaborar o projecto do Monumento, gratuitamente.

A senhora D. Branca de Alarcão, distinta escultora, autora de uma estatueta do Sr. D. Marcelino (para a qual posara durante vários dias e de que a estátua é uma cópia fiel), foi confiada a responsabilidade da sua execução, e ao sr. Eng.º António Rodrigues Pinelo, ilustre director de Estradas do Distrito de Faro a sua orientação técnica, o qual também se ofereceu para se desempenhar da sua missão gratuitamente.

As fundações e plinto foram confiados ao empreiteiro Eduardo Pinto Viegas, da Bordeira, S. Bárbara de Nexe — Algarve.

Já antes da celebração do seu centenário, outras terras do Algarve tinham prestado justa homenagem ao Sr. D. Marcelino, quer por ocasião das suas Bodas de Prata Episcopais e das Bodas de Ouro Sacerdotais, quer dando o seu nome a algumas artérias e largos como: Tavira — Avenida do D. Marcelino Franco e placa na casa onde nasceu, Faro — Praça D. Marcelino Franco, etc..

Também o deputado da Nação, Dr. Jorge Augusto Correia, em Fevereiro do ano corrente, evocava na Assembleia Nacional a nobre figura de D. Marcelino, destacando a virtude da humildade como uma das que sublimaram o seu pontificado, e regozijava-se com o facto de Tavira e todo o Algarve lhe irem prestar pública homenagem por ocasião do centenário do seu nascimento e lhe erigirem uma estátua na sua terra natal.

A finalizar, acrescentemos que vários outros órgãos de informação da provincia se têm referido ao santo Bispo com palavras de justo louvor e profunda saudade.

Artur, Dimas & Almeida, Lda.

Certifico que, por escritura lavrada em 20 do corrente mês, de fl. 90 v.º a fl. 92 do livro de notas n.º 63-A do notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi entre Artur Inácio João, Dimas Cabrita Teles, Jorge Urbano Gonçalves de Almeida e Ramiro Manuel Casquilho Calisto constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Artur, Dimas & Almeida, Lda., tem a sua sede na Praceta do Pintor Lister Franco, 4, 1.º, desta cidade, freguesia de S. Pedro, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º

O seu objecto é o comércio de compra e venda e aluguer de máquinas industriais e agrícolas ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria que a sociedade resolva explorar.

3.º

O capital social é de 100 000\$, inteiramente realizado, em dinheiro, e dividido em quatro quotas iguais, de 25 000\$, uma de cada sócio.

4.º

Na cessão de quotas a estranhos a sociedade em primeiro lugar e os outros sócios em segundo têm direito de opção.

5.º

Todos os sócios são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em assembleia geral, sendo necessária a assinatura de dois deles para obrigar a sociedade, podendo, no entanto, os actos de mero expediente ser assinados só por um.

6.º

As assembleias gerais, nos casos em que a lei não exija outra forma, serão convocadas por meio de cartas registadas com a antecedência de quinze dias.

Está conforme o original.

Secretaria Notarial de Faro, 2.º Cartório, 22 de Março de 1971.

O Notário,

Januário Severiano Daniel dos Reis

Casino da Manta Rota

Aberto todo o ano, sob nova orientação de António Felício das Chagas, chefe de culinária

Serviço permanente de Bar e Restaurante

TELEFONE N.º 44

Pratos Regionais — Doces do Algarve

As recentes visitas ministeriais e vários problemas algarvios apreciados na Assembleia Nacional pelo Deputado Dr. Jorge Correia

(Continuação da 1.ª página)

naturalmente indicado entre Faro e Olhão, ao aproveitamento do minério nefílico de Monchique na indústria do alumínio; desde a extração do salgema e a exploração do cobre de que é tão rico o Algarve à reorganização, fomento e revitalização das conservas de peixe; desde a utilização dos produtos agrícolas com fins industriais à melhoria da rede hospitalar e assistencial; desde o aproveitamento das argilas e calcários na indústria de cimentos à demarcação da nossa zona vitivinícola; desde a criação dos estudos superiores às infraestruturas necessárias a todo este complexo programa, resalta como ponto principal de partida e condição sine qua non, o fornecimento de energia eléctrica acessível e a preços idênticos aos facturados no Porto por exemplo.

Como a coisa se processa neste momento e não há maneira de vermos eliminada esta causa de discriminação económica e social, dá origem a que muitas zonas do País, só por este motivo, se vejam pura e simplesmente excluídas de qualquer tentativa de desenvolvimento e progresso.

Parece-me portanto pertinente que mais uma vez chamemos a atenção para este momentoso problema e solicitemos com veemência a sua solução definitiva.

Permito-me ainda observar no pendor das grandes necessidades, que sejam represadas as águas no Sotavento algarvio não apenas para combater malefícios da erosão mas porque a existência de largas áreas de sapal susceptíveis de recuperação agrícola e o aumento substancial e progressivo dos regadios justificam a implantação de barragens.

O fenómeno porém vai muito mais longe e há-de atingir profunda e duramente as gentes que aqui mourem ou que por via do turismo aqui venham em viliatúra, se a seu tempo não tomarmos as providências adequadas.

É que a água do subsolo escasseia assustadoramente por virtude duma extração constante para alimentação das plantas e das pessoas o que nos obriga a procurá-la a profundidades cada vez maiores.

É ainda sintoma evidente do que digo e dá bem a nota da gravidade do fenómeno, o dramático abastecimento do precioso líquido no verão a algumas populações e a dificuldade encontrada pela Direcção dos Serviços de Salubridade em descobrir mananciais susceptíveis de pelo seu caudal e potabilidade poderem garantir com segurança o abastecimento actual quanto mais futuro das populações.

Ora qualquer Plano de Fomento deve ser um projecto concreto de realidades existentes quer estas traduzam abundâncias quer signifiquem necessidades que se há-de ajustar harmonicamente no desenrolar da sua execução. Isto quer simplesmente dizer que as grandes linhas mestras e os empreendimentos estatais ou particulares nelas inseridos há-de forjar-se mais à base de racionalismos científicos do que por mera influência dos prôceres políticos.

Esta a primeira ilação que deixo tirar, com a qual devemos habitar-nos a contar, residindo nela a esperança do Algarve ao elaborar-se o próximo Plano de Fomento.»

A importante visita do Ministro da Educação Nacional

A estadia nesta Província do sr. Ministro da Educação Nacional mereceu ao sr. Dr. Jorge Correia os seguintes judiciosos comentários:

«A memorável e prometedora visita de estudo e trabalho que o Professor Veiga Simão fez por terras algarvias deu-nos por outro lado a certeza que no campo da educação não vamos ficar esquecidos quer no domínio dos estudos superiores quer nos restantes graus de ensino e que o Governo pela mão do seu excepcional Ministro está disposto a modificar as clássicas estruturas, reformas que para além do alcance específico há-de ser factor apreciável de promoção social.

A frequência e convivência indiscriminada, por exemplo, nos futuros liceus polivalentes, de rapazes e raparigas que mercê das suas múltiplas aptidões cursem o ensino técnico ou o clássico, só trás vantagens, económicas e funcionais para o Estado, de ordem moral e social para todos nós.

Tem ainda o Governo a preocupação de fazer ascender aos melhores lugares os mais dotados de inteligência e faculdades de trabalho onde quer que estes se situem no panorama das sociedades portuguesas.

Realmente a inteligência é uma centelha que Deus põe onde quer e por isso mesmo não podemos nem devemos malbaratá-la sem grave prejuízo do nosso progresso e até da

nossa posição futura no Mundo.

Havemos portanto de as descobrir ao longo duma maior escolaridade e proporcionar-lhes o acesso a todos os graus de cultura amparando-as com mais amplos auxílios material e moral.

Temos de passar a contar mais com o poder da nossa massa carente e da nossa aptidão para o trabalho do que com as influências familiares. Esta, outra ilação a tirar e à qual é bom que vamos aderindo aberta e francamente.»

Problemas de turismo e jogo e o decantado assunto das Caldas de Monchique

Tratando mais propriamente do Turismo, do recente Decreto sobre o Jogo e do interesse que o problema das Caldas de Monchique está merecendo ao sr. Dr. Costa André, Secretário de Estado do Tesouro e nosso ilustre conterrâneo, o sr. Dr. Jorge Correia produziu as seguintes considerações:

«No campo estrito do Turismo foi agora promulgado — já há bastante tempo anunciado — o Decreto que institui o jogo no Algarve. Pelos termos conhecidos através da imprensa infere-se claramente a intenção do Governo quanto ao desenvolvimento regional, que se pretende harmonico e equilibrado.

No caso do Algarve nem outra atitude seria de esperar uma vez que o Barlavento mercê do surto de turismo que ali enraizou primeiro, já se encontra avançado mais de dez anos relativamente ao Sotavento e que este fosso que é uma realidade fácil de constatar mais se cavaría se o Governo não estivesse atento ao fenómeno para lhe evitar as consequências.

Não me foi possível ainda conhecer o texto legal mas desde já e por isso mesmo me permito alertar os Governantes para a imperiosa necessidade da imposição clara e inequívoca de datas para o arranque dos casinos, pois poderia comprometer-se a intenção do legislador e a ideia ficaria desde logo condenada a um malogro com grave repercussão no desenvolvimento das sub-regiões se a letra do Decreto deixasse às empresas adjudicatárias a mais leve possibilidade de poderem esgrimir com argumentos ocasionais ou aleatórios problemáticas.

Julgamos os algarvios que o assunto não pode nem deverá poder ser discutido!

Quanto às taxas providas das licenças de exploração devem ser equitativamente distribuídas por todas as Câmaras do Algarve.

Como Deputado pelo Círculo de Faro e portanto com alguma procuração para o fazer aqui deixo ao Sr. Dr. Gonçalves Rapazote, Ilustre Ministro do Interior, os nossos agradecimentos que lhe são devidos muito particularmente por ter ouvido largamente a opinião das entidades interessadas na solução do problema.

Um outro problema da mais alta importância para a Província parece estar agora em vias de resolução

— já não é sem tempo — graças às instâncias do Sr. Dr. Costa André, Ilustre Secretário de Estado do Tesouro, que para além da contribuição positiva resultante da audiência às entidades ligadas directamente ao assunto, quis também ter a gentileza de ouvir sobre as Caldas de Monchique, os deputados, de resto sempre prontos a darem as suas achegas sem pretensões de omnisciência e apenas com o firme propósito de serem úteis à Província e à Nação, esclarecendo e informando honestamente quem tenha de decidir.

Com os nossos cumprimentos a Sua Excelência aqui deixamos expresso o desejo de que esta prática sábia frutifique e se multiplique.»

O sr. Dr. Jorge Correia referiu-se ainda à estadia no Algarve do sr. Professor Gonçalves Ferreira, Secretário de Estado da Saúde e terminou as suas palavras com um aplauso vibrante ao discurso pronunciado pelo sr. Professor Marcelo Caetano, na sua qualidade de Presidente da Comissão Central da Acção Nacional Popular.

Mutualidade Popular

Associação de Socorros Mútuos
Sede — FARO

Legados de Sobrevivência e a Prazo

2.ª Publicação

Perante a Direcção da Mutualidade Popular, Associação de Socorros Mútuos com sede no Largo Terreiro do Bispo, n.º 2-1.º, em Faro, correm editos de trinta dias a contar da data da segunda publicação deste anúncio, para habilitação ao legado de sobrevivência deixado pelo sócio n.º 4764 — D. MARIA CELESTE DE SOUSA FAISCA, proprietária, natural da freguesia de Salir, concelho de Loulé e que foi residente em Faro, onde faleceu no dia 12 de Março de 1971.

São por este meio convidados todos os interessados a requerer dentro do prazo designado, o que julgarem do seu legítimo direito.

Faro e Secretaria da Mutualidade Popular, 12 de Abril de 1971.

PELA DIRECÇÃO

O Secretário,

Joaquim Duarte Ribeiro Arenga

Ministério da Economia Secretaria de Estado da Indústria Direcção-Geral dos Combustíveis EDITAL

Eu, Mário da Silva, eng.º-chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis,

Faço saber que a Sociedade de Construções Norman Collisson (Portugal), Lda., pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 4 000 litros, sita em Penina (Malha 2), freguesia e concelho de Portimão e distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência n.º 241, em Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 7 de Abril de 1971.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição,

Mário da Silva

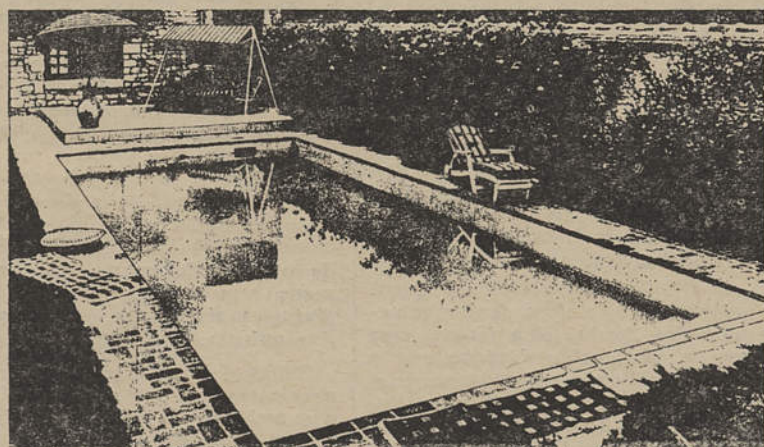
† Maria Celeste de Sousa Faisca

AGRADECIMENTO

A família de Maria Celeste de Sousa Faisca vem agradecer, por este meio, a todas as pessoas que tomaram parte nas cerimónias fúnebres ou de qualquer forma lhe manifestaram a sua dor e pesar pelo falecimento da saudosa e inesquecível extinta.

A todos a expressão do mais profundo reconhecimento.

PISCINE ALGARVE



Pela primeira vez
em Portugal

Piscinas em resina
Poliéster reforçada
com fibra de vidro

«PISCINE ALGARVE»
reúne numa só todas as
vantagens de vários materiais

— Isento de corrosão — Insensível a sismos — Não necessita de pinturas
— Rapidez de construção — Isolamento térmico

— Constituída por módulos pré fabricados permitindo vários tamanhos — VOCE MESMO PODE CONSTRUIR A SUA PISCINA

Mas... não são apenas estas as vantagens que contribuem para o bom sucesso da «PISCINE ALGARVE»: é toda uma organização especializada que se encontra ao seu dispor e, ainda, a garantia de 7 anos de experiência.

Com um simples telefonema tem, a prestar-lhe todas as informações, alguém que zela pela seu interesse.

ENTREGAS IMEDIATAS

SEBES Consultório Técnico e Comercial, Lda.

Departamento de Piscinas

LISBOA — Av. do Brasil, 200 r/c Esq. — Telefone 722071/2

ALGARVE — R. Winston Churchill 1.º Esq. — Loulé — Telefone 62 058

Resultaram brilhantes as Comemorações DO 1.º CENTENÁRIO de D. Marcelino Franco

(Continuação da 1.ª página)

sacerdote pôs nas suas palavras aquela entusiástica vibração que caracterizou toda a valiosíssima acção que dependeu para a efectivação de todas as homenagens de que foi, incontestavelmente, o mais apaixonado propulsor.

Apresentado à assistência pelo sr. Eng.-Agr. Luís Filipe Lobo de Miranda Malheiro Távora, ilustre Presidente da edilidade taviense, o orador traçou um quadro perfeito da vida piedosa de D. Marcelino Franco e da sua prestimosa acção sacerdotal, terminando por fazer um resumo da história do monumento que no dia seguinte havia de inaugurar-se, com palavras de inteira justiça para quantos de qualquer forma lhe deixam o nome vinculado. Figuraram entre eles os da distinta escultura sr.ª D. Branca Alarcão, autora da excelente estátua, e os dos srs. Eng.º Sebastião Ramirez, o mais generoso subscritor; Dr. Jorge Correia, presidente que fôra da Câmara; professor José Joaquim Gonçalves, autor da proposta camarária, e o do nosso Director, que se encontravam presentes, e o do arquitecto Gonçalo Davim Lyster Franco, autor do respectivo projecto. A todos e outros mais presentes ou não na sala, toda a assistência tributou calorosas salvas de palmas.

*

As cerimónias do dia 17 iniciaram-se com a distribuição de donativos pecuniários a algumas famílias mais necessitadas das duas freguesias locais e ao Patronato que tem o nome do saudoso Bispo e, por volta das 16 horas, chegaram o Prelado da Diocese e o Chefe do Distrito, que eram aguardados à entrada do concelho por muitas senhoras e por larga representação das autoridades tavienses. No cortejo de automóveis então organizado até à Igreja de Nossa Senhora do Carmo foram os ilustres visitantes alvo de expressivas manifestações de simpatia, por parte da população que assistia à sua passagem. Muitas janelas do percurso encontravam-se vistosamente engalanadas e aquelas manifestações foram particularmente calorosas em Luz de Tavira, onde numerosas crianças e pessoas de todas as categorias sociais aguardavam o cortejo. O mesmo se pode dizer da própria cidade, cuja população, pela força das suas figuras mais representativas e pela multidão anónima de muitos dos seus habitantes, praticamente ocorreu em massa ao recinto de todas as cerimónias.

● A imponentíssima Missa Concelebrada no Carmo

A linda Igreja da Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, onde ia efectuar-se a solene Concelebração presidida pelo Prelado, oferecia um aspecto de imponência, de grandiosidade e de beleza verdadeiramente singular. Dir-se-ia que falava mais alto o brilho dos seus dourados, que oferecia mais graciosidade o desenho da sua linda talha, que tinham mais opulência as volutas das colgaduras. E até a natural ressonância da sua nave e do seu transepto, era naquele dia mais solene, mais grave e mais profunda no repercutir dos coros entoados por um grupo de Senhoras e Meninas de Tavira e Alunos do Seminário.

Foi desta forma num ambiente de rara imponência que toda a cerimónia decorreu. Notabilíssima a homilia pronunciada pelo sr. D. Júlio Tavares Rebimbas, infundível o cortejo dos fiéis que ocorreu à Santa Eucaristia. E no Momento próprio todos puseram também o seu pensamento, nessa outra figura nobre da Igreja, o Senhor D. Fr. Francisco Rendeiro, Venerando Bispo-conde de Coimbra, que foi coadjutor e sucessor do Sufragado e a quem uma grave doença impedia de encontrar-se também presente. Mais de quatro dezenas de sacerdotes, vindos de todos os pontos da Diocese e na sua quase totalidade discípulos e ordenandos do saudoso D. Marcelino, exteriorizaram o seu Carinho, a sua Saudade e a sua Gratidão tomando parte na Concelebração. Todos chegaram a tempo. Tudo teve a dignidade própria, raras vezes no Algarve se terá assistido a uma cerimónia tão solene.

● O acto inaugural da estátua e os primeiros discursos da cerimónia

Ainda que com carácter diferente, o mesmo se pode dizer da inauguração do Monumento no pequeno jardim fronteiro à Igreja de São Paulo, no Largo que tem o nome de outro taviense ilustre, o Dr. António Padinha. Largo já de si grandioso pela beleza dos edifícios que o circundam, jardim por onde D. Marcelino terá andado em criança, cenário perfeitamente à altura para um acontecimento de tal natureza e por isso mesmo escolhido para que dele fosse teatro, também ali tudo esteve à

altura e há apenas que dizer bem. Descerrada a excelente estátua, que a escultora sr.ª D. Branca Alarcão com muita felicidade há anos modelou, acto a que procedeu o ilustre Chefe do Distrito, foi pelo sr. José Manuel Rodrigues da Silva, digníssimo Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, lido o respectivo auto, seguindo-se a série, indispensável, dos discursos. Na sua qualidade de Presidente da Comissão Executiva das Comemorações, fez em primeiro lugar uso da palavra o sr. Dr. Mário Lyster Franco, que afirmou que aquela homenagem estava no espírito e no coração de todos os algarvios, pois que só assim se justificava que de um simples artigo de jornal, posto que secundado em breve por uma proposta camarária e por entusiasmos e esforços a que prestava a merecida homenagem, tivesse resultado um monumento que era, sem favor, dos mais belos, dos mais grandiosos e imponentes que fica existindo em terras algarvias. Não fazia naquele momento o elogio do homenageado e das suas excelsas virtudes, por que a Igreja as consagrara em vida, elevando D. Marcelino ao sólio episcopal da Diocese em que nascera e em que desenvolvera toda a sua carreira sacerdotal, facto até então inédito e nunca mais repetido em toda a História da Igreja em Portugal. Fôra para falar daquelas virtudes que o Monumento se erguera e em nome da sua Comissão Executiva competia-lhe apenas entregá-lo à Câmara de Tavira, o que fazia na pessoa do seu ilustre Presidente, a quem felicitava pelo facto de iniciar daquela forma a sua actividade camarária. Terminou dizendo fazê-lo de forma semelhante aquela com que, há perto de quarenta anos, encerrara um discurso pronunciado em circunstâncias idênticas. Também um seu artigo de jornal fizera com que, em poucos meses, se erguesse numa praça de Loulé um monumento ao escritor Ataíde Oliveira. Convidado a discursar então, encerrara as suas palavras de forma semelhante à que fazia agora: «Inaugurou-se um Monumento a um ilustre taviense. Viva a nobre, viva a digna, viva a linda Cidade de Tavira!»

Falou em seguida o sr. Dr. Jorge Correia, que, na sua qualidade de Deputado do Algarve à Assembleia Nacional e de antigo Presidente da Câmara de Tavira, agradeceu as referências que o orador antecedente lhe fizera e enalteceu a excelsa figura do homenageado, a quem não hesitava em chamar Santo, de tão nobre que fora a sua acção, de tão grande que era o seu amor pelo próximo e de tão notáveis e relevantes que haviam sido os seus serviços. Figura de um brilho excepcional em toda a Igreja Portuguesa, a sua estátua ficava bem numa praça da cidade que lhe fôra berço e em que ficaria como um notável exemplo a apontar às gerações vindouras.

● O discurso do Presidente da Câmara Municipal

Como Presidente da Câmara Municipal de Tavira, discursou seguidamente o sr. Engenheiro-Agrônomo Luís Filipe Lobo de Miranda Távora, que afirmou:

«Em nome da Câmara Municipal e interpretando o sentir de toda a população do concelho, desejo agradecer, muito reconhecido, a presença honrosa de VV. Ex.ªs que se dignaram assistir às comemorações e ao acto inaugural deste monumento, dedicado a Dom Marcelino António Maria Franco, nascido em Tavira, em 1871.

O centenário do nascimento de Dom Marcelino Franco e as homenagens que lhe estão a ser prestadas, são horas, muito especiais, de meditação, para os tavienses, durante as quais as qualidades do homenageado foram lembradas, para permanecerem perenes no bronze que as materializou, como exemplo vivo de que o saber e os cargos podem ser exercidos, no mais alto nível, com humildade, bondade e dedicação.

É difícil de concretizar a quem pertence a iniciativa destes comemorações, tantas elas foram, mas parece não restar dúvida de que o artigo publicado em 1964 na «Folha do Domingo» pelo Senhor Padre Manuel Bárbara e a da autoria do Senhor Dr. Mário Lyster Franco no «Correio do Sul», em 5 de Dezembro de 1968, no qual incitou a Câmara Municipal de Tavira a erigir um monumento na Rua que já tinha o nome daquele Bispo e em que cita a escultura da autoria da Senhora D. Branca Alarcão como fixando a figura simpática e extremamente bondosa do saudoso Bispo, foram de certo os que mais concorreram para que a iniciativa, já latente no sentir dos Argarvios, viesse a ter adequada concretização.

O Vereador Senhor José Joaquim Gonçalves na reunião da Câmara Municipal, a 30 de Dezembro do mesmo ano, sugere que o centenário seja comemorado como se impõe e que o monumento à

Memória de Dom Marcelino Franco seja erigido no largo fronteiro à Igreja de Santa Maria, em Tavira.

Por último, na reunião camarária a 17 de Fevereiro findo, ficou definitivamente assente, tendo em consideração o parecer do Senhor Arquitecto Gonçalo Lyster Franco, autor do projecto, que o monumento fosse localizado na Praça Dr. António Padinha, sendo a estátua da autoria da Senhora D. Branca Alarcão. A fundição escolhida foi a Firma Sá-Lemos de Vila Nova de Gaia e a construção do plinto entregue ao Senhor Eduardo Pinto Viegas, de Bordeira, segundo orientação do Senhor Engenheiro António Rodrigues Pinelo.

A materialização deste monumento fica, pois, a dever-se ao muito respeito e veneração que os algarvios tributam a Dom Marcelino Franco, à Câmara da Presidência do Senhor Dr. Jorge Augusto Correia, ao Ministério das Obras Públicas, como entidade participante, aos técnicos citados e aos donativos particulares reunidos, principalmente, pelas Senhoras.

A todos e em especial às Comissões de Honra, Executiva e de Propaganda, através dos seus Presidentes Sua Excelência Reverendíssima D. Júlio Tavares Rebimbas, Senhor Dr. Mário Lyster Franco, Senhor Padre Carlos do Nascimento Patrício, aos Técnicos e aos muitos colaboradores desta Obra, desejo cumprimentar e apresentar os maiores agradecimentos.

Todos os oradores ouviram entusiásticos aplausos no final dos seus brilhantes discursos e a série dos mesmos foi encerrada pelo Senhor D. Júlio Tavares Rebimbas que, escutado com profundo respeito, terminou:

● As brilhantes palavras de encerramento pronunciadas pelo Prelado

«Só direi uma palavra neste momento, termo da celebração do centenário do nascimento do Senhor D. Marcelino e da inauguração deste monumento.

— Para frisar que a estátua é preito de homenagem da cidade de Tavira e de todo o Algarve a que se associa o povo de Deus.

— Para acrescentar que, se a Igreja não tem por missão levantar estátuas aos seus filhos, e por isso não tomou esta iniciativa, alegra-se ao ver a gratidão manifestada por aqueles que foram exemplo para todos.

— Para dizer que esta celebração centenária é um momento de se ouvir a voz de Deus, o apelo às nossas consciências, ao nosso Baptismo, para vivermos seriamente o cristianismo. O vulto deste monumento, porque se trata de um bispo, ficaria perdido no deserto, se nada acontecesse de novo na nossa vida e tudo ficasse como dantes. Tavira teria mais uma obra de arte, mais um sinal exterior, e muitos já tem, mas sem uma resposta interior de renovação. Porque a Palavra que o bispo Marcelino disse ao povo que lhe foi confiado durante trinta e cinco anos, é a mesma, hoje. As circunstâncias mudam, os tempos são outros, os bispos morrem, mas os bispos nascem e a Verdade é a mesma.

Penso que o Senhor D. Marcelino, se aqui estivesse, diria, mais ou menos estas palavras ao povo da sua terra que tanto amou.

E também me parece que este dia de consagração da sua memória veneranda é expressão da verdade do que sentimos dentro, e deste modo pomos cá fora, à vista de todos, para que conste.

Praza a Deus que as virtudes dos antepassados possam ser vividas no nosso tempo e pelas gerações vindouras. Essa deve ser a lição deste bronze para todos quantos trabalham na construção de um mundo novo, onde os homens sem qualquer distinção, se sintam mais irmãos e amigos uns dos outros».

Brilhantes aplausos coroaram as excelentes palavras do Prelado e foi num ambiente de legítima euforia que toda a cerimónia se encerrou. Os actos festivos prolongaram-se pela noite adiante, tendo sido vistosamente iluminados, além do Jardim da estátua e do Largo do Dr. António Padinha, a Rua do Dr. António Cabreira, que lhe fica pertíssimo e que foi aquela em que o glorioso D. Marcelino Franco há um século nasceu.

E assim terminaram as homenagens que o Algarve há dias dedicou a um dos seus mais ilustres filhos.

O «CORREIO DO SUL» vende-se em Lisboa na Tabac. Mónaco — Rossio

AD MAJOREM DEI GLORIAM

(Continuação da 1.ª página)

Provincia, desde os centros mais populosos às pequeninas aldeias, comemorou há anos o jubileu sacerdotal do mesmo venerando anfitrião. Eram 50 anos de vida eclesiástica exemplaríssima, contados desde a hora augusta da primeira Missa, discretamente celebrada sob os olhares maternais e misericordiosos de Nossa Senhora do Carmo, da sua igreja de Tavira.

Surge agora no calendário diocesano, a data, não menos gloriosa do jubileu episcopal.

Festejam-se as bodas de prata da subida ao sólio do Senhor D. Marcelino Franco.

São 25 anos de governo, decorridos através de alguns dos mais agitados períodos da própria História da Humanidade e percorridos sem um desfalecimento, com a mesma serenidade e a mesma calma, a mesma elegância discreta de maneiras, o mesmo sorriso de bondade, as mesmas palavras de piedade e de perdão asomando aos lábios. São 25 anos de profícuo trabalho em prol da Igreja, cúpula magestosa de uma vida inteira de sacrifícios, de uma vida inteira de renúncias, de uma vida inteira de evangelização.

Não cabe nos estreitos limites destas linhas que pessoa amiga me solicita e que, entre afazeres imperiosos, na minha qualidade de católico e de algarvio muito gostosamente escrevo, tentar esboçar sequer o que tem sido a notabilíssima acção episcopal deste ilustre filho da nossa Provincia, a quem Deus escolheu para que viesse a ser uma das figuras mais prestigiosas do clero português.

Mas o que cabe perfeitamente é a certeza da admiração e da estima de uma provincia inteira e a certeza da veneração incondicional de todos os católicos algarvios e dos votos que neste momento todos fazem para que essa vida se prolongue para Maior Glória de Deus.

Mário Lyster Franco

Infra-estruturas turísticas do Algarve

COM a assistência dos respectivos Presidente e Administrador-Delegado, srs. Dr. Pearce de Azevedo e Eng.º Olias Maldonado, realizou-se há dias, na sede do Plano de Obras de Infra-estruturas da Comissão Regional de Turismo do Algarve, a abertura das propostas apresentantes aos concursos recentemente abertos para a realização de duas importantes obras que a mesma Comissão se propõe levar a efeito.

Assim, para a obra de «Abastecimento de água a Faro — Reservatório-miradouro de Alto de Rodas», cuja base de licitação estava fixada em 3 028 598\$00, foram apresentadas seis propostas — quatro de firmas de Lisboa, uma de Almada e outra de Faro —, sendo a mais baixa de 2 976 295\$00 e a mais elevada de 3 860 000\$00. A obra de saneamento de Castro Marim concorrerá uma firma de Faro e outra de Lisboa, sendo a proposta daquela na importância de 2 135 778\$30 e a desta de 2 500 395\$30. A base de licitação era de 2 400 contos.

Todas as propostas foram, nos termos legais, enviadas para apreciação e aprovação do Ministro das Obras Públicas.

Por sua vez o concurso para arrematação da empreitada de «Saneamento de Armação de Pera — Estação de Saneamento», que estava marcado para o dia 6 do próximo mês de Maio, foi adiado para o mesmo dia do próximo mês de Julho.

Cinema de Santo António

HOJE — Jovanka, e as outras, colorido, com Silvana Mangano e Van Heflin. 17 anos.

Sexta-feira — Alta Traição, com Roger Moore e Martha Hyer e Elas são mais perigosas, com Richard Johnson e Elke Sommer, ambos coloridos. 17 anos.

Sábado, às 16 e às 21 horas — Aventuras de Gerard, colorido, com Claudia Cardinale e Peter Mc Enery. 12 anos.

Domingo, às 15.30 e às 21 horas — Chamam-me Mister Tibbes, colorido, com Sidney Poitier e Barbara Mc Nair. 17 anos.

Terça-feira — Os 4 magníficos, com Alain Steel e Nadir Baltimore e Cada bala tem um nome, com Peter Lee Lawrence e Agnes Spaak, ambos coloridos. 12 anos.

Quarta-feira — Repulsa, com Catherine Deneuve e John Fraser. 17 anos.

CORREIO DO SUL

ECCE SACERDUS MAGNUS

(Continuação da 1.ª página)

nos fastos multi-seculares da Igreja a alta dignidade que hoje ocupa, representando uma atitude inédita nos fastos multi-seculares da Igreja Albarbiense e mesmo pouco vulgar e suponho que única em toda a História da Igreja Portuguesa, é, por isso mesmo, algo de muito dignificante para Sua Excelência Reverendíssima e algo de muito honroso para todos nós, algarvios.

Não fica por isso mal lembrá-lo agora.

É honrosamente longa a galeria de figuras ilustres nascidas nestas abençoadas terras do Sul.

E se nos primórdios da nacionalidade, escassos nomes de algarvios nos surgem ajudando os nossos primeiros reis a izar o pendão das quinas por sobre os adarves mouriscos, o que facilmente se compreende por ter sido o Algarve a última região a ser incorporada no território português, logo que se aproxima a tarefa gloriosa de descobrir, de expandir, de consolidar aquilo de que é ainda hoje valiosa amostra o vasto Império dos nossos dias, começa o Algarve a marcar posição na História e vários nomes de algarvios nos surgem cobertos de glória e de prestígio. Não é preciso rebuscar muito, para verificar que são principalmente algarvios que capitaneiam, que timonam e que tripulam as caravelas do Infante. Grande percentagem de filhos do Algarve figura na proeza poético-lendária dos Doze de Inglaterra e ajuda a imortalizar a fogueira e a valia da protentosa Ala dos Namorados. Numerosos fidalgos algarvios operam feitos de valor nas conquistas do Norte de África e deixam que o seu sangue corra generoso pelas vielas tortuosas de Tânger e Ormuz, de Arzila, Mazagão e Ceuta. Recorde-se que na Batalha de Alcácer-Quibir é precisamente o troço recrutado na nossa Provincia que, sob o comando de Francisco de Távora, mantém até ao último instante o prestígio da velha heróicidade portuguesa; evoque-se a do Ameixial, em que são sobretudo os algarvios, comandados por João Furtado de Mendonça, que desalojam, perseguem e obrigam a fugir o próprio general D. João de Austria; lembre-se o título honroso de «Valerosa Brigada do Algarve» concedido pelo próprio Beresford com as mais elogiosas referências, aos soldados algarvios que se bateram nos Pirineus...

E desde então até aos nossos dias mantém-se o fogo sagrado.

Descobridores e guerreiros, figuras de altas virtudes levadas até à graça dos altares — e não fica mal recordar a par de São Gonçalo de Lagos, a tantas e tantas vezes esquecida Beata Catarina da Conceição, nascida em Tavira e largamente venerada em terras de Espanha — missionários, homens de letras e homens de ciência, ascendem a muitas centenas os nomes de algarvios que a posteridade relembra.

No entanto, que nos recorde, apenas de uma dezena de algarvios a História da Igreja fala que tivessem merecido a honra de subir ao sólio episcopal.

São eles, o mais antigo, D. Pedro Tenório, Bispo de Coimbra em 1371 e grande Arcebispo de Toledo poucos anos depois, também nascido em Tavira; D. Gaspar de Leão, primeiro Arcebispo de Goa, em 1559, e notadamente

DONATIVOS para o Monumento a D. Marcelino Franco

D. Berta Martins — Lisboa	100\$00
Hermenegildo Neves Franco — Lisboa	100\$00
Eng.º João Luís Olias Maldonado — Faro	300\$00
Eng.º Bento Louro — Lisboa	300\$00
Rodrigo Sá Aboim — Vila Real de St.º António	100\$00
Anónima — Faro	50\$00
Padre José Simões Guerreiro — Moura	100\$00
Dr. Jaime Bento da Silva — Lisboa	500\$00
Dr. Joaquim Vaz Palma — Monchique	100\$00
D. Maria da Conceição Barão Dória Pacheco e Marido — Beja	100\$00
Padre António Lopes da Cruz — Lisboa	200\$00
Dr. Bernardino Santos Mendonça — Tavira	100\$00
Raúl de Bivar Weinholtz — Faro	100\$00
Padre António do Nascimento Patrício — Faro	3.000\$00
Prof. Eng.º A. Herculanho de Carvalho — Lisboa	200\$00
Manuel Rodrigues Ceboia — Loulé	200\$00
Amadeu Pedro da Cruz — Loulé	150\$00
Virgílio Fagundes — Pálvao	200\$00

vel escritor; Fr. Vicente de Lagos, coadjutor do mesmo Arcebispo de Goa, em 1589; D. Fr. Francisco de Vila Nova de Portimão, eleito Bispo de São Tomé, em 1590; D. Fr. Pedro Figueira, ou D. Fr. Pedro da Cunha Lobo, Bispo da mesma Diocese em 1614; D. Fr. António Neto, Bispo de Nicomédia, em 1641; D. Fr. João de Faro, eleito Bispo de Cabo Verde em 1738; D. Diogo Marques Morato, igualmente nascido em Tavira e venerando Bispo de Miranda em 1739, e, já nos nossos dias, a grande figura do Cardeal D. José Sebastião Neto, natural de Lagos e de todos os nossos patrícios o que mais alto subiu em dignidade eclesiástica.

Todos estes Prelados nascidos em terras algarvias, quase totalmente fora delas exerceram a sua acção sacerdotal e em afastadas paragens foram exercitar seu novo munus.

E só numa figura que a todos os seus pares desde logo incontestavelmente se impusesse, a Santa Sé poderia ter aberto excepção, ter feito a escolha honrosa que fez.

Animados assim no seu fervor regionalista, rejubilaram então, por esse motivo, os algarvios.

E agora que tudo se prepara para de novo festejar Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Marcelino Franco, perdoei-se ao meu regionalismo, o atrevimento de pedir que este importante pormenor não seja esquecido.

Que todos os católicos algarvios — e nesse número orgulhosamente nos contamos —, se unam em volta do sólio episcopal para festejar o Sacerdote, para enaltecer o seu Pastor, para glorificar o Prelado a todos os títulos modelar.

Mas que se não esqueçam também de festejar, de enaltecer, de glorificar o Algarve.

Faro, em dia de São Vicente de 1943

Mário Lyster Franco.

A Orquestra de Câmara Gulbenkian em Faro

CONFORME já anunciámos, efectua-se no próximo dia 29, pelas 21.30 horas, no Cinema de Santo António, um concerto pela Orquestra de Câmara Gulbenkian, a qual será dirigida pelo maestro alemão Werner Andreas Albert, expressamente convidado pela Fundação Gulbenkian para substituir o maestro assistente daquela núcleo orquestral, Charles Ketcham, que adoeceu subitamente.

O maestro Werner Andreas Albert, chefe titular da «Nordwest-deutschen Philharmonie» e que tem dirigido as melhores orquestras alemãs, como as da Rádio de Colónia, de Essen, de Hannover, Baden-Baden, a Orquestra de Câmara do Sarre entre outras, efectuou numerosos concertos, sempre com o maior êxito, em Inglaterra, Holanda, França, Portugal, Canadá, etc., e é considerado pela crítica internacional como um dos melhores directores de orquestra alemães da nova geração.

No programa a apresentar inserem-se a Abertura «Prometeu» de Beethoven, o «Concerto para viola e orquestra» de Telemann, o «Concertino», em fá menor, de Pergolesi e a «Sinfonia Clássica» de Prokofiev.

Neste seu concerto, a Orquestra de Câmara Gulbenkian terá a colaboração solística do violista Tasso Adamopoulos, artista de notáveis recursos técnicos e interpretativos.

A venda de bilhetes efectua-se no Cinema de Santo António.

BEBA ÁGUA
das Caldas de Monchique
De mesa e gaseificada

Farmácias de serviço
de 22 a 28 de Abril

Hoje — QUINTA — Baptista. SEXTA — Oliveira Bomba. SABADO — Alexandre. DOMINGO — Crespo Santos. SEGUNDA — Paula. TERÇA — Almeida. QUARTA — Montepio.